

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1836

## Manejos de políticos

Desta vez parece ser certo que Afonso Costa se dispõe a ser ministro da república. E caso curioso, tendo o estadista evitado tantas vezes ir ao poder, agora é tal o seu empenho em dar-se ao sacrifício da governação pública que, para o suportar, vai até à acção revolucionária.

Basta ler o "Mundo" e a réplica que lhe deu no parlamento António Maria da Silva para se ficar sabendo que alguma coisa se prepara na sombra. O factotum do dr. Afonso Costa dispõe à Alta Venda para um assalto ao poder, onde ficará instalado o grande amigo.

Sabendo-se a relutância que Afonso Costa no tempo das suas máquinas manifestava por assumir as responsabilidades do poder, dizendo sempre que as tomaria quando chegasse a ocasião oportuna, não é de estranhar que essa ocasião seja precisamente a do período em que se vai negociar o contrato dos tabacos? Enquanto se tratou apenas dos interesses gerais do país o estadista não estava em casa. Surge, porém, o contrato dos tabacos, um assunto que toda a gente diz ser um negócio rendoso e o estadista acode pressuroso para salvar o país e isto quando os republicanos por toda a parte dizem que já não é preciso salvá-lo porque com a alta cambial qualquer ministro, até mesmo o Dañel Rodrigues, é capaz de dar conta do recado.

Não é pois o estadista que vai ao poder mas o advogado, advogado por ventura da Companhia dos Tabacos, como é a Companhia dos Fósforos e do Banco Nacional Ultramarino. E consentirá a opinião pública que assim suceda?

Depois dos escândalos de Angola em que se envolveu Norton de Matos, a seguir premiado com a embaixada de Londres, nada mais natural que a Afonso Costa seja permitido tomar parte no regabofe. Porque o contrato dos tabacos não dá menos margem para isso do que um alto comissariado nas colônias.

Além deste aspecto da questão, não podemos deixar de acentuar que Afonso Costa é um inimigo do operariado. Apesar da sua tese da Universidade de Coimbra sobre A Questão Social, em que defendia a doutrina socialista, Afonso Costa é o homem da conferência sobre sindicalismo e clericalismo na Imprensa Nacional e o homem da repressão violenta das greves. Nunca o poderemos esquecer, não podendo deixar de sentir uma má disposição contra o facto de o vermos mais uma vez assumir o poder, onde não poderá fazer coisa boa e útil, a não ser para si próprio.

Por isso quer ele venha trazido por um movimento armado (a tanto obriga o apetecido contrato dos tabacos!), quer apareça no poder mediante uma indicação constitucional e cumpridas tódas as formalidades parlamentares, para nós será sempre o mesmo Afonso Costa, elemento demasiadamente suspeito para o operariado e que nunca por este poderá ser visto com bons olhos. Qualquer solução política seria preferível à dum ministério de que faça parte este estadista double de advogado e que no poder nunca soube esquecer os seus interesses particulares.

## A moral dêles

Comentando a atitude dos funcionários do Comissariado dos Abastecimentos que foram ao parlamento entregar uma representação ponderando a situação lastimosa em que vão ficar, se persistir o propósito de extinção do referido Comissariado — A Epoca acabava por apontar aos empregados o caminho dos campos que lutam com falta de braços que os cultive.

Este comentário do órgão católico carece de fundamento porque os campos se estão incendiados não é por falta de braços, que neste momento sobejam — mas por falta de escrúpulos dos seus proprietários que desfazem largos tratos de terreno a pastagens de gado, negócio mais rendoso e menos trabalhoso.

A Epoca, que está ao lado dos lavrador-parasitas, mostrou desejo de que existisse abundância e excesso de braços porque sabe que esse facto implica uma diminuição de salários e um aumento de lucros para os capitalistas que não produzem.

PERANTE O SONO DA CARIDADE CRISTÃ...

## A arcada do pesadelo ou uma enfermaria do hospital de São José...

Foi um amigo enfermo que me atraiu lá. Eu não conhecia o hospital de São José. Conhecer o hospital, é conhecer as enfermarias — e eu nunca havia passado dos corredores, do pátio convencional; eu só guardava do hospital a visão dos seus azulejos e dessas figuras de santos que, em pedra, fazem sentinelas à porta...

Um dia, é verdade, entrei no quarto onde agonizava o general Dantas Baracho. A janela estava cerrada — e na penumbra reinavam e sob a respiração adusta do moribundo, o recinto pareceu-me confortável, pareceu-me mesmo tolerável...

Mas eu não conhecia as enfermarias — e estas constituem os bastidores do hospital, esses bastidores dos quais os corredores, acedidos, são o ilusório e falar pano de fundo...

E aquele amigo enfermo desfez minhas ilusões, revelou-me desde o seu leito de pás, toda a arcada das enfermarias — das enfermarias que são ali os gotões onde se empilham as dores ignoradas da cidade, os sofrimentos que não têm a proteger-lhos os escudos de ouro da Fortuna...

São cincuenta camas acumuladas ali,umas ao lado das outras, em fila, como nos dormitórios dos quartéis.

Separas-menos dum passo — estão tanto perto umas das outras que eu penso nesses leitos dos colégios internos, onde os alunos saltam de noite, em folguedos irreverentes e perturbando o silêncio imposto pelos diretores.

Mas não. A enfermaria não tem essa alegría infantil, branca, pulcra, dos dormitórios ou colégios internos. A enfermaria é lóbrega, é fantástica — e foi criada não para curar, mas para aterrorizar a própria doença.

O ferro das camas está sujo, macerado, corroído, aqui e ali, por ferrugem. Stijas estendem-se e sob a arcada estadeiam-se grandes «nôdoas», como florões submarinhos. Tudo ali é triste. A promiscuidade é absoluta. Todos os actos prosaicos da vida se fazem em comum — os olhares dos doentes devassam-se mutuamente — quem tiver sensibilidade, tem de fugir dali, tem de clamar a sua liberdade, nem que saiba que vem morrer à saída do hospital, sob a impassibilidade dos santos de pedra.

Tudo ali é triste, desolado — sente-se a necessidade da morte, mais do que a ansia de restabelecer o corpo enfermo. Morrer, é conquistar a liberdade, é conquistar a «alta» definitiva, é sair daquela arcada onde se sepultou a própria luz do sol.

E por isso que muita gente vai morrer ao hospital — e que ali, ante o desprazer supremo, tem-se mais coragem de enfrentar a morte...

A mesinha de cabeceira... Uma plataforma de ferro tendo fezes em baixo, à vista de todos os enfermos, e em cima a louça esmalizada, sarrenta e onde é servida a água e o leite...

Eu não podia, eu não podia estar ali. Agora mesmo a minha sensibilidade consegue-se, ao recordar a cena vistulada quando fui visitar o amigo enfermo, — agor-



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Redacção, Administração e Tipografia:  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º and.  
LISBOA — PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Oficinas de Impressão e Estereotipia:  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras... Não se devolvem os originais... Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

## Um "cache-col" rouba- do por um polícia

Dizia-nos, há dias, um bom burguês, conservador até à medula, cujas considerações ponderadas escutámos, às vezes, por desfato, que a polícia é hoje uma corporação tan perigosa para a vida e haveres dos cidadãos pacíficos que acha urgente a organização dum polícia especial que tragá debaixo de olho vigilante, os cavalheiros fardados e por fardar que, incumbidos pelo Estado de olhar por nós, causam o sobre-salto e o desassocoégo de toda a gente de bem.

Ora, em parte, o bom burguês que tam criterioso alvitre expendeu, tem carradas de razão. Com uma polícia como a que por ai está, quem poderá andar descansado? Confessamos que, embora não sejamos dos mais medrosos, quando por sorte passamos junto dum polícia esperamos sempre ser acutilados pelas costas ou atravessados por uma bala.

Constantemente chega até nós o eco de proezas bárbaras praticadas pelos briosos componentes da não menos briosos corpos.

Uins sãobédos, como aquêle que há dias se sufocou na esquadra do Alto do Pina, sem que os seus colegas tivessem tido tempo de impedir o seu trágico gesto; outros, bárbaros, como os factos sangrentos constantemente o demonstram; outros ainda, tan ladrões como os ladrões que prenderam.

Em abono desta última afirmação está o sucedido há dias e que vamos relatar.

Joaquim Esteves, vendedor de jornais, no domingo à noite, entrou inadvertidamente pelos domínios da bebedeira, pelo que o conhecidíssimo agente da esquadra das Mergulhos, o ilustríssimo e excellentíssimo sr. «Sébento», o levou preso para o governo civil onde respondeu no tribunal dos pequenos delitos.

Evoluídos os furos perturbantes do alcool ingerido, o Esteves deu por falta dum «cache-col» de seda e qual não foi o seu espanto ao verificar que o precioso abafó se encontrava no pescoco do já citado excentíssimo «Sébento».

Este apressou-se indevidamente — para não dizermos roubá-la — um objecto que não lhe pertencia.

Aquele burguês que trouxemos a público com as suas opiniões sensatas, ao saber desse interessante caso de criminalidade policial não dormiu descansado — e em breve lhe aturaremos a costumeira cantilena da necessidade de se criar uma polícia especial para guardar a polícia. Nós, mais radicais, aliviamos mais sensatamente a necessidade de acabar com a polícia.

## Uma prisão

Foi ontem preso Daniel Severino, recorrendo incomunicável à esquadra da Santa Marta.

## O desfalque do Monte- pio Nacional

### O seu autor gosa de liberdade e os inocentes são vítimas de suspeição

O desfalque de 1.200 contos feito no Montepio Nacional tinha um autor: o sr. Ernesto Magno que foi preso, dado depois como avariado do cérebro e metido na casa de saúde do Telhal. E' claro que o sr. Magno gosava de excelente saúde mental pois que soube, com perfeito conhecimento da psicologia policial, conseguir recuperar a liberdade. E' certo que a polícia ordenou de novo a sua captura, mas deu-lhe tempo de se ausentasse de modo a não voltar a ser preso nem a ser ingrato com qualquer confusão ou benevolência que o beneficiou.

Porém o Seculo deu-lhe logo fama de inocente e proclamou a necessidade de se procurarem os gatunos. Os empregados do Montepio Nacional foram aquele jornal a referir que não era justo ter com uma suspicácia empregados nem era necessário procurar os gatunos visto terem posto o sr. Ernesto Magno em liberdade apesar dele ter confessado ser o autor do desfalque e, por seu próprio punho, ter assinado essa confissão.

O Seculo não publicou a referida carta, motivo que levou os empregados do Montepio Nacional a procurarem-nos para nos relatar o que acima fico dito.

Não tem, porém, os reclamantes motivo para extranhezas pois que é já velho o preceito seguido de a benevolência ser grande quando os roubos são avultados.

Realmente um desfalque de 1.200 contos torna respeitável quem o praticou. A prova está no sr. Magno estar em liberdade, acaso que desvios de pequenas importâncias dão a quem o pratica, severissimas penalidades.

Evoluídos os furos perturbantes do alcool ingerido, o Esteves deu por falta dum «cache-col» de seda e qual não foi o seu espanto ao verificar que o precioso abafó se encontrava no pescoco do já citado excentíssimo «Sébento».

Este apressou-se indevidamente — para não dizermos roubá-la — um objecto que não lhe pertencia.

Aquele burguês que trouxemos a público com as suas opiniões sensatas, ao saber desse interessante caso de criminalidade policial não dormiu descansado — e em breve lhe aturaremos a costumeira cantilena da necessidade de se criar uma polícia especial para guardar a polícia. Nós, mais radicais, aliviamos mais sensatamente a necessidade de acabar com a polícia.

Evoluídos os furos perturbantes do alcool ingerido, o Esteves deu por falta dum «cache-col» de seda e qual não foi o seu espanto ao verificar que o precioso abafó se encontrava no pescoco do já citado excentíssimo «Sébento».

Este apressou-se indevidamente — para não dizermos roubá-la — um objecto que não lhe pertencia.

Trata-se dum verdadeira armadilha para anular o novo incerto.

Trata-se dum verdadeira armadilha para anular o novo incerto.

## A Universidade Popular Portuguesa vai ressurgir

Alexandre Vieira, que faz parte da sua direcção, diz á «Batalha»  
O que vai ser a ação da prestimosa colectividade

Não ignoram os leitores que a Universidade Popular Portuguesa, instituição que tantos e tão excelentes serviços tem prestado à educação e instrução do povo, esteve quasi a desaparecer, em virtude do Estado não lhe haver pago durante bastante tempo, o insignificante subsídio que em tempos o parlamento lhe fixara, e não só por isso, mas também porque, contudo embora à sua frente alguns elementos dedicadíssimos, entre os quais justo é destacar o dr. sr. Ferreira de Macedo — alma da Universidade — estes elementos, homens que vivem do seu trabalho, não podiam consagrá-lhe tanto tempo quanto o que seria necessário para que a Universidade Popular pudesse regularmente desempenhar o importante papel para que fôr criada.

Chegou-nos, porém, há pouco a notícia de que a Universidade Popular Portuguesa, que tantas simpatias conta em todos os meios, e sobretudo na classe operária, vai ressurgir, notícia que recebemos com justificado alvorço. Foi recentemente mandada satisfazer pelo governo a importância em divida, tendo sido em seguida e leito um novo conselho administrativo, em que ao lado de velhos e dedicados cooperadores da benemerita instituição, como os drs. srs. Ferreira de Macedo, Urbano de Castro, Sá e Oliveira e Ezequiel de Moraes, aparecem outros homens de comprovada boa vontade, como os nossos amigos professores dr. Adolfo Lima e o artista pintor Armando de Lucena e os camaradas José Carlos de Souza, Augusto Carlos Rodrigues, Adriano Botelho, Alexandre Vieira, Manuel da Conceição Afonso e Alfredo Marques.

Ao mesmo tempo que nos chegavam estas informações, outras vinham até nós que o novo conselho administrativo, que já tem realizado algumas reuniões, prepara uma série de trabalhos de alto interesse para o ano educativo que deve começar em Dezembro.

Continuam as secções da Universidade, mantêm-se as que existiam nos Sindicatos do Pessoal do Arsenal do Exército e dos Metalúrgicos e na secção de Belém. Pensamos, porém, em criar mais quatro secções: uma na sede do Sindicato Único da Construção Civil, neste mesmo edifício; outra no Sindicato Único Mobiliário, à travessa de Águas do Flor; a terceira no dos Chauffeurs, ao largo de São Domingos e a última na secção da Construção Civil do Alto do Pina, que, como sabemos, é um bairro muito popular. «Além disso, devemos em breve prosseguir com os trabalhos necessários à criação, em Setúbal, dumha secção da Universidade Popular Portuguesa, com vida autónoma, indo assim ao encontro dos desejos por mais duma vez manifestados por vários indivíduos e associações daquela cidade.

— E quanto às secções da Universidade, mantêm-se as que existiam?

— Continuam as que existiam nos Sindicatos do Pessoal do Arsenal do Exército e dos Metalúrgicos e na secção de Belém. Pensamos, porém, em criar mais quatro secções: uma na sede do Sindicato Único da Construção Civil, neste mesmo edifício;

— Que deve reaparecer, talvez, em Janeiro, agora dirigido pelo dr. Adolfo Lima, que é o encarregado da Educação Popular e da secção de edições da Universidade,

assuntos que na última reunião do conselho mereceram detido exame.

— Sobre a biblioteca da Universidade, que se te oferece dizer-nos?

— Que parte dos 10.000 volumes que possuem, vão girar pelos locais onde é necessário levê-los, tendo-se resolvido mandar fazer uns armários próprios a receber algumas dezenas dos referidos volumes, para serem enviados às secções que não formam bibliotecas.

— E as conferências a realizar nas secções serão acompanhadas de projeções cinematográficas?

— Evidentemente — respondeu Vieira. Foi que éramos nós da Universidade Popular Portuguesa que nos chegavam estas informações, outras vinham até nós que o novo conselho administrativo, que está procurando adquirir no estrangeiro um cinema portátil, que será levado a todos os locais onde a Universidade realizará conferências, com filmes educativos, o que contribuirá para tornar aquelas de veras atraentes.

São ainda mais vastos os projectos do actual conselho administrativo da Universidade Popular Portuguesa. Segundo o que nos foi dito no decorrer da conversa por Alexandre Vieira. Concordemos, porém, que se ela conseguir levar por diante o que acima é enunciado, terá já realizada a favor da moderna cultura popular um trabalho valiosíssimo.

— Em que consistem os projectos do novo conselho administrativo? — inquiriu.

— Agüaram-se interessantíssimos, e estou certo que vais já concordar comigo. Pensa a nova direcção, ou melhor, trabalha já no sentido de levar a efeito, na sede, uma série de conferências sobre viagens, para o que conta com o concurso de várias individualidades que têm percorrido o estrangeiro. Assim, para falarrem sobre a Bélgica, Suíça, Espanha, Itália, Brasil e Alemanha, recordo-me que estão indicados, respectivamente, os nomes dos srs. António Arroio, Emílio Costa, Antero de Figueiredo, Jaime Cortesão, Bettencourt Rodrigues e Vieira Simões, não podendo precisar agora os nomes dos conferentes que falarão sobre outros países. Essas conferências serão acompanhadas de filmes adequados. Além dessa série, prosseguirão a «Questões morais e sociais na literatura», pelos professores Câmara Reis e Sá e Oliveira, com leitura de trechos de vários autores, leitura que será feita não só pelos referidos professores, mas também por outras pessoas, sobretudo estudantes.

— E que mais? — volvemos.

— Trabalha-se também para a realização dumha outra série, não menos interessante, de conferências

## CARTA DO PORTO

## UM PATRÃO CONQUISTADOR

A história de uma operária despedida por um capricho amoroso

O Conselho Técnico do Sindicato Único da Classe Téxtil ocupou-se em um caso de arbitrariedade cometido numa fábrica da sua indústria.

A história é simples, embora nos faça indignar a consciência, revoltar a alma.

Na rua Anselmo Braamcamp existe uma fábrica de tecidos de sêda pertencente à firma Nogueira, Morais & C. L. A. Nela trabalhava uma operária menor de 17 anos, um tanto ingénua, de boa educação e, portanto, pouco habituada a ouvir e muito menos proferir palavras indecentíssimas: uma das exceções à regra.

Um dos sócios da firma, Raúl Morais, enamorou-se da pequena; arvorou-se em *D. Juan* perseguidor, quâis a degenerar em aspirante à *Landru*—e todas as vezes que a Izilda Guedes (pois é esta a graça da protagonista) se dirigia ao escritório a reclamar a sêda de que carecia para trabaillar, o referido Raúl assentava-lhe uma verdadeira «bateria» de galanteios, ciaias, ditos, alguns dos quais picantes... Ao pedir as sêdas para o engenho dobrado, preguntava-lhe o atrevido e malicioso sócio do sr. Manuel Nogueira: «Quantas quer? Quatro? E escolha quantas quizer...»

Advinhando as intenções do Morais, ela, ruborizada, fugiu do escritório, sem levar o material solicitado: repudiada, inteiramente «ousada corte do endinheirado patrão...» Isto não mereceria o mais ligeiro reparo, ao vé-lo repledido nos seus propósitos de apetite carnal, o Raúl Morais não se enfurecesse ao ponto de perseguir a menor ato do despedimento da fábrica...

O Conselho Técnico do Sindicato Único Téxtil lavrou, publicamente, o seu protesto contra este facto. O Morais, correu pressurosamente à imprensa para declarar que a Izilda Guedes não fora despedida «por capricho amoroso», mas sim «por incompetência de serviço...»

Ora a «incompetência de serviço», que o Morais principiou a notar depois de ver frustrados os seus intentos, foi este: o Morais conseguiu a exigir a menor a duração de 3 quilos de sêda por dia, começou a exigir que ela urdisse, em três horas, uma teia de quarenta e tal portadas e de cento e cinquenta metros...

Ora toda a gente que compreenda mesmo só os mais rudimentares elementos destes serviços, vé logo que isso é totalmente impossível...

Uma dobadeira que deve quilo e meio de sêda por dia, já não está a dormir... Uma urdideira que irda, em 6 ou 7 horas, uma teia nas condições exigidas pelo referido Morais, já anda regularmente li-

Pôrto, 14 C. V. S.

## CHOQUE DE VEÍCULOS

No Chafariz de Dentro, uma carroça abalroa com um eléctrico ficando várias pessoas feridas

Ontem à tarde, uma carroça que com grande velocidade atravessava o largo do Chafariz de Dentro, em direcção à praia, foi abalroada por um carro eléctrico que, vindio do Poco do Bispo, se dirigia para o Rossio.

A carroça foi arremessada para o passeio onde se encontravam conversando, Alexandre da Silva, de 33 anos, beco dos Ramos, 1, 1º. Manuel Monteiro, descarregador, um filho dês, Luís Monteiro, de 22 anos, soldado de sapadores mineiros, e um outro descarregador cujo nome se ignora, os quais foram colhidos pelo veículo, ficando com vários ferimentos na cabeça, pernas e várias contusões pelo corpo.

Acudiu o polícia 1611, que perto andava de giro, que fez transportar os feridos ao hospital da Marinha, onde receberam os primeiros socorros, seguindo o Manuel Monteiro e o descarregador, cujo nome se ignora, para casa. Foi requisitado à Cruz Vermelha um carro que transportou os restantes dois feridos ao hospital de S. José, onde foram observados pelo cirurgião de serviço no Banco, recolhendo Alexandre da Silva, que também apresentava fratura do pé esquerdo, à sala de observações, e sendo o Luís conduzido a casa, depois de pensado.

EMILIO COSTA.

## Da Espanha riveirista

A mania da perseguição—Marcelino Domingo em liberdade

PARIS, 15.—O «Journal» diz que a polícia espanhola deteve em San Sebastian quatro indivíduos altamente categorizados, sob a acusação de conspirarem contra o diretorio.

O ex-deputado Marcelino Domingo foi posto em liberdade. —(L.)

## Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa do Pessoal do Município de Lisboa.—A fim de eleger os corpos administrativos para 1925, realiza-se no dia 22 a Assembleia Geral, na sua sede (pátio do Geraldo), pelas 20 horas.

## COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—2 SENSACIONAIS ESPECTÁCULOS 2—HOJE

A's 14,30 (2 e meia da tarde)

A's 21 (9 da noite)

Surpreendente «matinée»

Grandioso espetáculo

## NOVOS INTERMÉDIOS CÓMICOS

GRANDES NOVIDADES

Nos intervalos das «matinées» serão postos na pista para as crianças montarem

6 lindos cavalos 6

FAUTEUILS desde 8\$00

A geral para o espetáculo de noite abre às 10 horas (4 da tarde)

AMANHÃ—ESPECTÁCULO DA MODA—SENSACIONAL ESTREIA

## Teatro Nacional

Colossais encheres

## A BATALHA

## A VENDA DO "SEULO"

A posse das novas donas—O sr. Amadeu sai do jornal mas continua a servir a Moagem

Tomaram ontem conta da administração de «O Século» os delegados da União dos Interesses Económicos, atualmente proprietária da maioria das ações daquela empresa. Despedindo-se do público, o sr. Amadeu de Freitas — aquele indivíduo que acorreu pressuroso aquele anúncio do «bandido-precisado» para director do «Século» — deixava ontem longa epistola em que ele próprio fôr o mais descurado elogio à sua honradez, independência e competência jornalísticas.

E' na verdade espantoso o desplante com que o sr. Amadeu de Freitas se nos apresenta como jornalista independente, élé que é a campâula por onde todos os dias fala ao país o sr. António Maria da Silva, é que de há muito tempo, assalariado da Moagem e que nem mesmo agora com a sua saída do «Século» deixa de o ser, por quanto continuaria recebendo a mesma medida da Moagem como redactor-principal *in nomine* do Diário de Notícias.

A carta em questão é uma cadeia de falas que espanta, que assombra pela audácia e jactância com que são ditas. Assim, por exemplo, nela afirma o grrrande jornalista que não pediu o cargo de director do «Século». Ora nós temos conhecimento precisamente do contrário. O sr. Amadeu de Freitas não pediu, suplicou o lugar de director do «Século» e a sua aceitação foi imposta pelo sr. António Maria da Silva. E' isto o que consta dum interessantíssimo relatório — ignorado pelo público e por muita gente no jornalismo e na política — que o sr. Domingos Cruz, que, no primeiro semestre após a saída do sr. Cunha Leal do «Século», exercerá o cargo de administrador daquele jornal, apresentou numa assembleia geral da empresa. Nesse relatório, que muitos nos elucida sobre as causas que levaram o «Século» à ruína, conta assim a entrada para aquela casa do sr. Amadeu de Freitas.

**A oposição não quer destruir o fascismo mas «transformá-lo»**

Embora o parlamento italiano tenha aberto há dias, a pesar dos novos atentados de banditismo do fascismo, depois dos novos crimes cometidos e das provocações do governo, a oposição persiste na sua atitude, despectiva e de confiança num volta à normalidade.

O Popolo diz: «Não estamos na disposição de destruir o governo fascista. Pelo contrário o nosso fim é conduzir a maioria parlamentar actual a transformar o governo fascista.»

Eis o que se chama falar pouco, mas bem. Compreende-se agora que uma tal oposição seja partidária dum solução Giolitti e que prefira a luta de manifestos à ação directa das grandes massas.

A oposição não se sentindo satisfeita em capitular, renunciando à luta aberta contra o parlamento fascista, abandonou a ideia de chamar o governo à responsabilidade pelo assassinato de Mateotti, etc.

Nem lá dentro, nem cá fora ousou encarar a luta!

Nem nas ruas de Roma, nem na cloaca de Montecitorio, tém a coragem de pregar no parlamento este governo cínico.

**NA ALEMANHA**

**As consequências do plano Dawes**

O plano apresentado pelo general americano Dawes, a fim de obrigar a Alemanha a pagar as dívidas de guerra aos países aliados, comeja já a fazer sentir a sua influência sobre a vida dos trabalhadores alemães.

Este plano, admitindo que a jornada de trabalho pode exceder as 8 horas, já estipuladas e ir até 10, 11 e 12 de labor, está provocando a diminuição de salários na Alemanha, e ao mesmo tempo uma crise de chômage.

Este fenômeno por reflexo há de se fazer ressentir nos outros países, tanto mais que os mercados estrangeiros vão ser agarrados por bebidas fortes, fôrca encontrada aos pinotes nos telhados do governo civil, motivo porque o sr. Cunha Leal saiu, colocando portanto em difícil situação a aceitação de outro cargo que não fosse o de director.

Obtemperou-lhe o sr. Alvaro de Lacerda, com a minha aprovação, demonstrou ao enviado, afirmando-lhe que devia tratar-se de um equívoco, porquanto se resolvera não nomear por enquanto director, e que se assim não fosse só a nós dois competia a escolher e fazer o convite, porque, nos termos dos estatutos, essa atribuição nos pertencia; que talvez a pessoa que no-lo remetera tivesse falado no cargo de redactor principal, e então seria um caso a ponderar. Que não, voltou o sr. Amadeu de Freitas, fôrca conviado para director; não lhe convinha o cargo de redactor principal, porque já fôr sub-director de «O Século», tinha um nome no jornalismo, feito com Emídio Navarro e Silva Graça, e, demais, já alguns jornais o haviam dado como futuro director de «O Século», logo que o sr. Cunha Leal saiu, colocando portanto em difícil situação a aceitação de outro cargo que não fosse o de director.

Obtemperou-lhe o sr. Alvaro de Lacerda que, embora a pesar nosso, tal não podíamos fazer não só em virtude de uma deliberação tomada pelo Conselho, como porque estava delineado o programa de «O Século», que o Conselho directamente se propunha efectivar. Interrompida por momentos a conferência, disse-me o sr. Alvaro de Lacerda que o sr. Amadeu de Freitas viria recomendado pelo sr. Monteiro Guimarães a pedido do sr. António Maria da Silva então presidente do ministério; perguntou-me se eu concordaria em que ele fosse nomeado redactor principal, no caso de aceitar e de concordar com o programa do Conselho, o que se lhe afigurava vir a acontecer. Responder-lhe que tendo com o sr. Amadeu de Freitas remotas relações ceremoniosas, e não conhecendo as suas qualidades profissionais, porque não acompanhara a sua carreira jornalística, de modo algum tive razão, tanto mais que, pelo visto, o mais importante accionista da empresa, de acordo com uma figura então dominante da política, embora chefe de um partido, no-lo indicava. Ponderei no entanto que de modo algum devíamos afastar-nos do caminho traçado, sob pena de «O Século» falso ser mais uma vez a missão que lhe compete na sociedade portuguesa. Poucos momentos depois, o sr. Amadeu de Freitas aceitava o lugar e as condições estabelecidas, ficando bem assente que só o Conselho competia orientar e dirigir o jornal, dentro do programa de que se lhe deu conhecimento, para o que devia todos os dias avistar-se com qualquer das duas pessoas que esse encargo tinham, a fim de, em colaboração com elas, se resolver o serviço e, consoante os assuntos dominantes, nortear a ação do «Século».

A afirmação do sr. Amadeu de Freitas de que entrou para o «Século» sem ter pedido, é poi falsa. E quanto às auto-afirmações da sua honestidade e independência, aguardaremos o inevitável espiche do *Didrio de Notícias* ao noticiar a entrada do sr. Amadeu de Freitas como seu redactor-principal, para transcrevermos mais alguns trechos deste curioso relatório.

**ABASTECIMENTOS**

Baixa de preços

Nos armazéns reguladores inicia-se amanhã uma nova baixa no custo dos géneros, sendo de \$30 no açúcar, \$10 e \$20 no arroz, \$20, bacalhau, \$50 no sabão amarelo, \$50 no toucinho e \$10 no feijão. E' também posta à venda batata a \$80.

**EDEN TEATRO**

(Caleido. Rote 3800)

HOJE—AS 9,30 DA NOITE

ÉXITO SEM RIVAL

A deslumbrante e graciosa mágica

**O BOLO-REI**

A ÚNICA PEÇA QUE A TODOS AGRADA

Um quadro de autêntica realidade. Estuprante espírito, sem inconvenientes. Impresionantes aparições. Surpreendentes transformações.

ADMIRÁVEL CONJUNTO

**Factos diversos**

O Partido Socialista Português comunica-nos que não existe no Pôrto um partido com o programa de Macdonald, mas sim uma seção da Internacional Socialista Operária, de Londres, a que Macdonald pertence, sendo portanto o programa comum.

\* Recebemos da Sociedade Comercial de Portugal e Ultramar, Lda 12 pacotes de farinha arroz «Molenaar» que se destinam à alimentação de crianças, a velhos e a todas as pessoas de intestino débil, aplicando-se na diatética idos de pauperados de fôrças. Agradecemos a oferta.

**TERÇA-FEIRA, 18**

1.ª representação da peça francesa

de PIECHAUD

**Mademoiselle PASCAL**

Tradução

de Alvaro de Andrade

LUCília SIMÕES, que interpreta o difícil papel da protagonista, mandou confeccionar em Paris lindas «toilettes» para os três actos.

**OX**

TREATMENT DAS HEMORRÓIDAS

e suas complicações — Fistulas

rectais, prostatites, rectites, etc.

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

## A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

## NA ITALIA

## O parlamento italiano e a ditadura fascista

O acontecimento destes últimos meses, não só aceleraram o isolamento do fascismo, mas redobraram as fôrcas do anti-fascismo constitucional.

Os partidos da oposição social-democratas e maximalistas, estão representando um papel contra-revolucionário que de maneira nenhuma não deve admirar.

A burguesia, criada e armada pelo fascismo não pode de modo pôr-se do lado do proletariado. Toda a actividade anti-fascista dos Amendola-Turati, apoia-se nos sequelas do *Avanti*, consistia em votar inúmeras ordens do dia.

Os partidários do Monte Aventino procuraram trabalhar no seio da maioria fascista, para criar ao governo, uma situação difícil no parlamento e obter assim uma mudança de governo.

No dia seguinte ao do assassinato de Mateotti, realizam-se hoje os seguintes desafios dos campeonatos da Associação de Foot-ball de Lisboa:

1.º Categorias: 1.ª Divisão—Belenenses contra Casa Pia, no Estádio, às 15 horas; juiz, o sr. Ilídio Nogueira. 2.ª Divisão—Portugal contra União, Lisboa, no Estádio às 13 horas; juiz, o sr. Alfredo Pedroso.

2.º Categorias: Benfica contra Vitória, Palhavá, às 13 horas; juiz, o sr. Alfredo Luis Ramos. Carcavelinhos contra Chelas, em Benfica, às 13 horas; juiz, o sr. Manuel Pereira.

3.º Categorias: Belenenses contra Casa Pia, no Campo Grande, às 13 horas; juiz, o sr. Ivo Torres Sonsa; Portugal contra União, Lisboa, no Campo Grande, às 11 horas; juiz, o sr. Octávio Graça.

4.º Categorias: Carcavelinhos contra Chelas, em Benfica, às 11 horas; juiz, o sr. Nuno Matos.

5.º Categorias: Cruz Quebrada contra Oeste, em Quebrada contra Oriental, nas Laranjeiras, às 11 horas



# A BATALHA



INTERESSES DE CLASSE

## A situação económica e moral dos barbeiros

Ao terminar o último movimento da classe constatou-se que esta se encontrava animada dum excelente espírito combativo e disposta a lutar por muito tempo. Esses dias de luta serviram aos lojistas de lição: aprenderem de que para nada servem as suas bairras quando os operários estejam unidos e saibam vencer, ainda que com sacrifício.

As reclamações aceites num papel, firmadas num compromisso, não são tudo. É preciso que cada operário saiba cumprir com o seu dever, não trabalhando sem que o lojista aceite as condições impostas pelo sindicato. Só assim se pode evitá-lo o papel triste e irritante que alguns componentes da classe estão desempenhando, traíndo os seus próprios interesses e mancomandando-se com os patrões.

Neste movimento fez-se uma reclamação de carácter moral: a sindicalização obrigatória que não tinha de deprimir para os operários pois era feita aos lojistas. E' de lamentar que com raras exceções, os barbeiros da casa Campos & Costa aconselhados por Gil, que neste movimento procedeu com manifesta má fé e traição à classe, se não tentam querido sindicar.

E' sóles elas ainda que pretendem lançar sobre o sindicato toda a responsabilidade da crise que a classe atravessa.

É necessário ficar assente e duma vez para sempre que a crise actualmente existente é da inteira responsabilidade dos lojistas. O conflito deve-se, porque elas não o quiseram evitar, se o conflito se prolonga, a culpa foi ainda deles. De resto para atender as reclamações, que já tinham sido formuladas há um ano e que se baseavam num aumento que elas já tinham feito, não era necessário meter outra vez e tão desastradamente, as mãos nos bolsos dos frengueses.

Como os nossos companheiros de trabalho sabem, a maioria dos lojistas, não querendo perder um pouco do muito que ganham, impõem aos operários a baixa de salários ou a redução do pessoal. Neste momento não há nada que justifique a baixa de salários.

Portanto, devemos-nos impôr para que ela se não dê. E se os lojistas para nos garantir os salários ganhos no nosso último movimento atifrem para a rua com algumas dezenas de operários, o nosso dever consiste em concorrermos, na medida do possível, para que aos desempregados nada falte, prestando-se-lhes toda a nossa solidariedade.

A última assembleia da nossa classe deliberou que no princípio do ano próximo se iniciasse a publicação dum jornal, órgão da nossa classe e nomeou-se uma comissão para dotar a nossa sede com o mobiliário e confiá-la a que temos direito, assim como a abertura dumha escola de militantes.

Do nosso esforço e da nossa colaboração depende o bom êxito destas deliberações.

A. de MOURA  
operário barbeiro sindicado

## FESTAS ASSOCIATIVAS

### Impressores tipográficos

A final de comemorar o 20.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Impressores Tipográficos, a sua direção resolveu efectuar uma sessão solene e uma conferência.

Na sessão solene farão uso da palavra vários elementos da organização operária e será conferente o dr. sr. Carneiro de Moura.

Para esta sessão, que se realiza na próxima quarta-feira, às 21 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, são convidados não só os impressores tipográficos como o operariado em geral.

### III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles

A comissão que organizou o III Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles, reúne amanhã, pelas 21 horas, para entregar todos os documentos e mais trabalhos, aprovados no congresso, à Federação.

### SOLIDARIEDADE

A comissão da festa pró-Carlos Saldanha pede a todos os camaradas que tenham bônus para passar que abreviem o mais depressa possível a sua passagem visto ser na próxima semana que se festeja a festa.

### Sanatório dos Empregados no Comércio

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Santarém, desejando contribuir para a construção dum sanatório para empregados no comércio tuberculosos, enviou à Comissão Central a quantia de 1475\$00.

A sessão solene comemorativa do 19.º aniversário do Grupo dos Empregados no Comércio de Vendas Novas, foi como representante deste Sanatório, a camarada Augusto José Alfonso, trazendo a adesão da classe vendasnovense para a construção desta obra.

### PELA ORGANIZAÇÃO

### Osp empregados no Comércio de Sintra vão reorganizar o seu Sindicato

Hoje, realiza-se em Sintra uma sessão magna dos empregados no comércio daquela localidade para a reorganização do seu sindicato.

Entre outros oradores deve falar delegados da Federação dos Empregados no Comércio e da Associação dos Caixeiros de Lisboa, sendo de esperar grande concorrência à reunião.

### Pessoal do Comissariado dos Abastecimentos

Uma comissão do pessoal do Comissariado dos Abastecimentos, foi hoje entrevistar o ministro da Agricultura para tratar da situação difícil do mesmo pessoal, pois que mais de 400 cheques de família vão ficar sem empréstimo.

O ministro prometeu providenciar e propor, sendo possível, o prazo para a execução do Comissariado.

### Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

#### Emigração italiana

Estatísticas definitivas relativas ao ano de 1923, publicadas pelo Comissariado Geral de Emigração italiana, provam que o número dos emigrantes aumentou de maneira considerável, tanto no concernente a emigrantes ultramarinos e aos continentais. O movimento de repatriação ficou mais ou menos estacionário. Em 1923 o total de emigrantes italianos foi de 348.079.

No respeitante à emigração continental italiana, a França continua a ser o seu escoadouro mais importante: 85.815 em 1922, e 142.990 no ano seguinte.

#### Trabalho obrigatorio na Bulgária

Nos termos de um novo regulamento publicado no Diário Oficial, da Bulgária, qualquer comunidade tendo necessidade da mão de obra para labores locais, pode obter da Direcção do Serviço Obrigatorio do Trabalho, cincuenta pessoas no mínimo, não podendo no entanto o máximo ser superior ao número das pessoas domiciliadas no município sujeitas ao trabalho obrigatorio. E' obrigatorio às comunas entregar à Direcção a importância dos salários pagos aos trabalhadores e seus instrutores. Metade dessa importância é entregue antes do envio dos prestantes, e a outra metade depois da execução dos trabalhos.

Compete às comunas a alimentação, vestuário e mais manutenção dos trabalhadores. Quanto à duração do serviço é de dois a seis meses por ano.

#### Legislação e Trabalho Marítimo

Instituída pela Conferência de Genova, 1920, a Comissão Paritária Marítima, no intuito de facilitar à Organização Internacional do Trabalho o estudo das questões marítimas e que é composta de representantes de armadores, dos marítimos e do Conselho Administrativo da Repartição Internacional do Trabalho, reuniu em 4.ª sessão de 16 a 18 de Setembro.

Decidiu solicitar que na ordem dos trabalhos da próxima Conferência Internacional do Trabalho seja inscrita a "codificação internacional das regras concernentes ao contrato de engajamento dos marítimos" bem como a "inspeção do trabalho marítimo".

Além disso a Comissão tomou conhecimento de uma proposta também ser inscrita à regulamentação do horário de trabalho a bordo dos navios, porém a discussão do assunto não deu resultado, ficando a proposta suspensa. Armadores e marítimos não chegaram a acordo. Cabe ao Conselho examinar a questão, na próxima sessão, e emitir parecer sobre os votos formulados pelos marítimos. A International do Trabalho reuniu em Genebra a 19 de Maio próximo.

#### Repartição Internacional do Ensino Profissional

Em consequência do Congresso Internacional, que se reuniu em Roma — setembro de 1923 — o Instituto Real Nacional de Instrução Profissional ocupou-se da organização provisória de uma repartição internacional do ensino profissional. Foi elaborado o projeto de programa seguinte:

1—Problemas de instrução profissional relativos a questões agrícolas e organização geral das escolas profissionais. 2—A escola preparatória e o problema do pré-aprendizado. 3—A orientação profissional e o problema das profissões qualificadas. 4—Questão da tutela do trabalho dos menores e os problemas conexos. 5—A escola para os chefes da tecnia das artes e ofícios e os contra-mestres. 6—Instituições superiores e os cursos de especialização profissional. 7—A escola normal profissional.

#### Horário de trabalho na Inglaterra

Do inquérito realizado pelo Conselho Geral do Congresso dos Sindicatos, ao qual responderam 133 organizações operárias reunindo 4.688.009 filiados, resultou que 3.524.714 membros sindicados trabalham quarenta e oito horas por semana ou menos, consoante o seguinte quadro:

|              |    |                  |
|--------------|----|------------------|
| 24.500...    | 40 | horas por semana |
| 800.600...   | 42 | " "              |
| 305.687...   | 44 | " "              |
| 8.500...     | 47 | " "              |
| 964.224...   | 48 | " "              |
| 11.590...    | 46 | 1/2 "            |
| 1.409.613... | 43 | " "              |

#### PROPAGANDA SINDICAL

#### Uma sessão em Extremoz

EXTREMOZ, 14.—Realizou-se ontem, na sede da Construção Civil, uma sessão de propaganda associativa com a presença de dois delegados da Federação da C. Civil, Inácio Marques e Alberto Dias.

Inácio Marques disserta sobre a necessidade de todos os operários se unirem nas suas associações pois só assim poderão fazer valer os seus direitos.

Alberto Dias referiu-se à especulação que as fórcas vivas estavam fazendo com a baixa da libra, fazendo a escassez do trabalho para conseguir a baixa de salários e volta aos horários de trabalho de 10 e 12 horas, e exortou os trabalhadores a prepararem-se para resistir às manobras das fórcas vivas.

Luis Céias escalpeliza a ação dos políticos que se fazem amigos dos operários, Carlos Augusto Passas faz sentir a necessidade dos operários se manterem unidos para a defesa das regalias conquistadas e para resistirem à baixa de salários que os industriais premeditam.

Foi aprovada uma moção que analisando o desleixo da Câmara Municipal em assuntos de muito interesse para o povo termina por reclamar a construção de um edifício escolar, a intensificação da construção do matadouro; o cumprimento integral do horário de 8 horas de trabalho; obrigar os senhores a concluir as obras paralisadas ou fazer a sua expropriação; obrigar a cair todos os preços; impor a Moagem o barateamento do pão.

#### PARA DIAS PRÓXIMOS:

**Operários do município.** — A comissão pró-Sindicato Único dos Operários do Município, convida a direcção da Associação de Classe dos Operários Catifeiros a comparecer na sede, na terça-feira, às 20

**Costureira**

Faz, volta fatos, sobretudos, etc. Perfeição. Preços de camarada. Rua 4 de Infantaria, 17, cave.

# VIDA SINDICAL

## C. C. T.

### Comissão revisora de teses

Reúne amanhã, às 20 horas.

### COMUNICAÇÕES

#### Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio.

Conselho Geral do Sul.

Reuniu com a representação dos sindicatos de Beja, Coruche, Estremoz,

Evora, Bombarral, Castelo Branco, Montemor-o-Novo, Vendas Novas, Olhão e Junta Sul.

Presidiu José Corvo, secretariado por João C. Rodrigues.

Entre o expediente contavam-se ofícios da Junta Norte e Conselho Geral do Norte.

Foram lidas 3 credenciais, acreditando novos delegados dos sindicatos de Olhão, Torres Novas e Vila Real de Santo António, respectivamente, João Cunha Rodrigues, Augusto Peixinho e Vasco Soares; estes dois últimos não compareceram à reunião. Resolvido oficializar-se-lhes, fazendo sentir essa falta, como aos outros delegados.

Ofício de M. Jorge da Costa pedindo a demissão de delegado. Depois de largamente discutido, o Conselho resolven que a Junta inste junto desse camarada pela sua continuação no Conselho.

Manuel Rodrigues, em nome da Junta, encaminhou que o Sindicato de Olhão requisitou em Abril do corrente anno expediente confederal e que até à data, a pesar de inúmeros ofícios que se lhe enviaram para que satisfacésse a respectiva importância, ainda não satisfez. Deliberado que a Junta fizesse ver novamente a este assunto ao respetivo Conselho.

Leu-se o relatório moral do Sindicato de Silves de 1923-24 e tomado em consideração.

Discutiram-se os estatutos do sindicato de Ferreira do Alentejo.

Rodrigues notifica que se encontram em aberto na Junta os cargos de tesoureiro e secretário adjunto, sendo nomeados respetivamente, Armando Viegas e João Cunha Rodrigues.

Vários delegados referem-se à falta de propaganda na classe pela província, notando que a C. G. T. podia remediar em parte esta falta desde que os delegados que enviassem esse relatório ao Conselho.

O delegado metalúrgico refere-se ao início da campanha de eleição para presidente da Federação.

O delegado metalúrgico propõe para que o documento do delegado dos marítimos da Foz, baixe à Comissão de estudo sobre a crise de trabalho; e o representante do vestuário propõe para que ele seja discutido na próxima reunião de diretores e delegados.

Depois de uma ligeira controvérsia sobre a proposta do delegado metalúrgico, e de uns reparos à acção da Comissão de Estudos à crise de trabalho e à altitude de alguns sindicatos que não responderam a um questionário que lhes foi dirigido — aquela referida proposta é aprovada com uma emenda dos delegados do Sindicato Único do C. C. e Peles, para que a Comissão de estudos seja nomeada agregados mais dois camaradas, cuja nomeação recaiu nos representantes dos litógrafos e dos carregadores e despedidores de terra e mar do Porto e Gaia.

O representante da Junta trata do sindicato de Santarém e que — diz ainda — não nomeou delegado ao Conselho. Falam sobre o assunto Machado, Corvo e Cabecinha, sendo perpendicular a opinião de Rodrigues de que deve oficializar mais uma vez ao mesmo sindicato.

Vários delegados referem-se à falta de propaganda na classe pela província, notando que a C. G. T. podia remediar em parte esta falta desde que os delegados que enviassem esse relatório ao Conselho.

Trata-se em seguida do escrito de Cabecinha e da atitude do delegado ao Conselho.

Rodrigues notifica que se encontram em aberto na Junta os cargos de tesoureiro e secretário adjunto, sendo nomeados respetivamente, Armando Viegas e João Cunha Rodrigues.

Interpelado um dos delegados à Comissão de Compilação, ficou assente que os mesmos elaboram um relatório de estudo dos trabalhos realizados na comissão.

João Cabecinha refere-se à Comissão do Sanatório espraiando-se em diversas considerações e aludindo aos terrenos já cedidos. Dá explicações José Corvo.

Como a hora fosse bastante adiantada, deliberou-se que a 2.ª e 3.ª parte da ordem dos trabalhos constituíssem os trabalhos para a próxima reunião.

**Federação Metalúrgica.** — Reuniu o conselho federal, com a representação dos organismos de Lisboa, Póvoa, Coimbra, Portimão, Lagos, V. R. de S. António, Peniche, Torres Novas, Abrantes, Beja, Faro e Rio Mião.

Do expediente constavam ofícios de Vieira de Leiria, de Lagos e da Marinha Grande,

constatando o conselho a boa disposição destes sindicatos no respeitante ao aumento da cota em conformidade com a circular enviada. Depois de Francisco Viana ter exposto verbalmente o resultado da sua delegacia a Lagos, por intermédio da C. G. T., e de Artur Cardoso ter igualmente exposto o resultado da sua delegacia ao Zambrão, entrou-se na ordem